

Gestalt-Terapia: a questão do sujeito psicótico no filme “Tideland”

Gestalt-Therapy: the question of the subject psychotic in the film “Tideland”

Marcelo Vinicius Miranda Barros, Valéria Moreira Dantas

Resumo

Propõe-se a estabelecer uma análise do filme “Tideland” de Terry Gilliam, pela importância estética psicodélica do universo que transforma os elementos do mundo real em uma assimilação de um mundo de faz de conta. Por isso, essa película cinematográfica estabelece diálogo com o conceito de ajustamento psicótico da Gestalt-Terapia, pelo viés da literatura dos filósofos Marcos José Müller-Granzotto e Rosane Lorena Müller-Granzotto, promovendo ainda uma intertextualidade com a Filosofia de Jean-Paul Sartre, para compreender os aspectos da constituição psicológica da personagem Jeliza-Rose. Levanta-se uma hipótese diagnóstica, fundamentando esta com os sintomas de Jeliza-Rose, buscando pensar a relação da alucinação com a realidade. Procedemos a decomposição das cenas de “Tideland”. De tal intervenção metodológica, decorre nossa hipótese de que, nas cenas analisadas, é possível a psicose sem que haja a necessidade do afastamento da realidade, demonstrando tal conceito gestáltico, diferenciando-o de certas abordagens da Psicologia/Psic-análise ou Psiquiatria.

Palavras-chave

Gestalt-Terapia, Psicose, Tideland.

Abstract

Proposes establish an analysis the film "Tideland" of Terry Gilliam, due to psychedelic aesthetic importance of the universe which transforms the real world elements in an assimilation of a world of make-believe. Therefore, this film enters into dialogue with the concept of psychotic adjustment of Gestalt-Therapy, by literature bias philosophers Marcos José Müller-Granzotto and Rosane Lorena Müller-Granzotto, and still promoting intertextuality with the Philosophy Jean-Paul Sartre, to understand the aspects of constitution psychological of character Jeliza-Rose. So will raise a diagnostic hypothesis, substantiating the same with the symptoms of Jeliza-Rose, seeking think the relationship of hallucination with reality. We proceeded to decomposition of the scenes of "Tideland". Such methodological intervention, It follows our hypothesis that, in the scenes analyzed, is possible the psychosis without the necessity of detachment of reality, demonstrating such gestalt concept, differentiating it from certain approaches of Psychology/ Psychoanalysis or Psychiatry.

**Marcelo Vinicius
Miranda Barros**

**Universidade Estadual de
Feira de Santana**

Graduando em Psicologia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Bolsista do projeto de pesquisa Sartre e as fronteiras da escolha, financiado pelo CNPq / UEFS.

marcelovmb@gmail.com

**Valéria Moreira
Dantas**

**Universidade Estadual de
Feira de Santana**

Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual de Feira de Santana e formanda em Gestalt-Terapia pela IGTBa - Instituto de Gestalt-Terapia da Bahia.

dantassvaleria@gmail.com

Keywords

Gestalt-Therapy, Psychosis, Tideland.

Introdução

"Tideland" é um filme premiado, de 2005, dirigido por Terry Gilliam, baseado no livro de mesmo nome. O filme conta a história de um casal viciado em heroína, composto por Noah e sua esposa, além de sua pequena filha Jeliza-Rose, todos morando em uma casa devastada. Noah vive uma relação de parceria com a filha, sendo esta a responsável por lhe preparar e injetar drogas, enquanto a esposa, aparentemente doente em consequência do uso excessivo de drogas, tem com a menina uma relação que não parece passar pelo afeto, nem, tão pouco, pelo cuidado maternal. Jeliza-Rose, para escapar dessa terrível infância, desenvolve estratégias, como brincar com bonecas decapitadas, cada qual com personalidade própria, submergindo num mundo imaginário particular.

Jeliza-Rose, no decorrer de todo o filme, busca criar e refugiar-se em seu próprio mundo, ignorando muitos fatos ao seu redor. Exemplo disso é a "indiferença" com a morte de seu pai e, contraditória e absurdamente, a excessiva preocupação com a "morte" de uma das cabeças de bonecas que ela possui, quando a tal cabeça cai em um buraco. Mesmo criando um mundo particular, Jeliza-Rose não ignora os contatos com outras pessoas; na verdade, é a partir dessa relação com os outros e com as coisas no mundo, que ela significa, de forma própria, tudo ao seu redor. É o seu jeito de tentar entender os fatos que lhe rodeiam, deixando claro, dessa forma, que seu comportamento não se configura em autismo, por exemplo. Apesar de ver coisas que demonstram ser surreais, ou seja, de uma condição alucinatória (exemplificados nas cenas em que a garota está dentro do ônibus velho e aparecem insetos muito luminosos (cena 00:02:01); a sombra horrorosa que ela vê em seu quarto (cena 00:09:30 a 00:09:36); o sangue que ela vê pingar de sua mão (cena: 00:19:48) e, de forma mais intensa ainda, a cena onde ela vê a casa da avó perder a forma estática e "afundar" (cena: 00:56:05) e ela se enxerga no fundo do mar e diz: "iremos navegar..."), também, em dado momento, ela se dá conta do próprio devaneio, dizendo para si mesma: "Espera lá! Ele parece mais um agricultor...". Dessa forma, se interpretarmos o filme à luz da Gestalt-Terapia, Jeliza-Rose está a realizar um ajustamento psicótico.

A questão do sujeito psicótico em "Tideland"

Vamos, então, tecer sobre o conceito de ajustamento psicótico da Gestalt-Terapia e ir relacionando-o com os fatos do filme. Os filósofos Marcos José Müller-Granzotto e Rosane Lorena Müller-Granzotto (2012) afirmaram que "os sujeitos da psicose seriam funções de ato que não encontrariam, diante das demandas ambíguas [...] os correlativos indeterminados e virtuais correspondentes à função Id". As demandas ambíguas, então, se encontrariam no filme também nos pais de Jeliza-Rose, os quais ora demonstravam amor, ora demonstravam hostilidade para com a menina. Por exemplo, na cena (00:04:24) em que a mãe da garota diz: "Sabes uma coisa, Noé? Tu e essa pirralha podem ir-se embora quando quiserem. Não quero saber!", demonstrando descaso para com a filha, mas, logo na cena posterior (00:06:51), surge, por parte dessa mãe, um discurso que finda por tornar confusa e ambígua a compreensão para a garota: "É por culpa do teu pai por seres como és, não por minha, porque eu adoro-te [...] Jeliza-Rose, sabes que te adoro, não sabes? Desculpa, meu amor". Mais confusão e ambiguidade surgem quando a criança, ao se perceber envolvida pelos braços maternos, resolve pegar, sutilmente, um doce de uma caixa que está ao lado da cama: ao perceber, o discurso da genitora muda rapida-

mente e esta esbraveja: “Mas o que é que estás a fazer?! Quantas vezes já te disse para não tocares nos meus chocolates, sua puta?! Oh, querida...”, e assim segue um discurso tão “bipolar”, tão ambíguo, que o Self daquela criança não consegue dar conta da demanda desorganizada que vem do outro. Para uma criança em formação, isso causa um impacto muito grande. E por não conseguir lidar com essa demanda, a criança não verbaliza contra aos pais, dizendo que não os entende; finda por se comportar de uma forma a criar um mundo que simule aquilo que ela não encontra na sua função Id. Ou seja, os sujeitos na condição de Jeliza-Rose, então, “se ocupariam da realidade não apenas para responder às demandas da ordem da inteligibilidade social [...], mas também para simular aquilo que não encontram, exatamente, a função Id” (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012, p. 143).

A mudança de papéis, com a criança tendo de cuidar dos pais drogados e irresponsáveis, como se fosse ela a adulta, deixa mais ambígua a relação que eles possuem com a sua filha, pois onde a menina deveria ser acolhida e cuidada, ocorre exatamente o contrário. Há vários momentos em que é a criança que tenta “colocar ordem” no comportamento dos pais, mostrando-se muitas vezes, no decorrer do filme, assumir o lugar de maturidade daqueles. Um exemplo está na cena (00:15:00) em que a menina reclama do comportamento do pai no ônibus, por ele soltar gases e, infantilmente, na frente de todos ali, culpá-la, e esta responde de forma severa e repressora: “Isso é repugnante! [...] Não faças isso!”, e dá uns tapas no pai e diz: “É para aprenderes”, como se fosse um adulto dando palmadas no filho.

A ambiguidade no comportamento e no discurso dos pais de Jeliza-Rose, como demonstrado anteriormente aqui, implica as demandas por inteligência social, que significam “nossa participação no sistema de valores, pensamentos e instituições que compartilhamos com os semelhantes” (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012b, p. 282) e, por isso, dizem respeito à nossa curiosidade em torno daquilo que pode ser apreendido e comunicado. Como afirmam ainda Marcos José Müller-Granzotto e Rosane Lorena Müller-Granzotto: “Trata-se das perguntas pelas quais tentamos aprender algo sobre o que nosso interlocutor possa estar informando” (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012, p. 144). Assim, Jeliza-Rose tenta aprender algo sobre o que a sua mãe, por exemplo, está informando, só que o discurso dessa mãe, como visto, é ambíguo para o Self da criança. Contudo, também nessa sua experiência de vida, Jeliza-Rose lida com demandas por excitação e desejo em relação aos seus pais, que são as curiosidades por aquilo que não se pode representar como realidade, mas se supõe, para o sujeito em questão, que coexiste como uma dimensão misteriosa que acompanharia todas as representações sociais elegidas pelo interlocutor ou pelo próprio sujeito (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012). Assim, Jeliza-Rose busca algo que lhe falta, que lhe mobiliza a ir mais além da realidade.

A implicação inicial que pode resultar em um ajustamento psicótico, no filme, está na relação filha e mãe, filha e pai, tornando-se figura para Jeliza-Rose, e quando as demandas afetivo-faltantes se tornam figuras, os sujeitos psicóticos submetidos a tais demandas reagem de modo estranho (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012). E nada mais estranho do que o comportamento de Jeliza-Rose, como comentamos no início deste texto. Só que, diante de situações ambíguas e duplos vínculos, não são todas as crianças que realizam um ajuste psicótico. É necessário também que elas tivessem a Função Id comprometida ou vulnerável, não possuindo fundo de orientação para as demandas ambíguas, onde tais crianças poderiam não compreender qual comportamento assumir ou repetir, por exemplo, já que nenhuma orientação espontânea a elas se apresentaria (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012b).

A menina, no filme, lida com um mundo adulto ambíguo, pelo menos para ela, naquele momento de pouca maturidade, por ser uma criança em formação psico-emocional. Jeliza-Rose, como considerada neste texto, tem alucinações e fantasias extremadas. Assim, ao considerar Jeliza-Rose no ajustamento psicótico, estamos considerando também a teoria da Gestalt-Terapia pelo viés dos autores supracitados aqui, em que diz que “as respostas psicóticas são precedidas por uma demanda social cuja característica é a ambiguidade marcante...” (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012, p. 147).

Psicose sem que haja necessidade do afastamento da realidade por parte do sujeito psicótico

Pretende-se entender como é possível explicar a tida psicose sem que haja necessidade do afastamento da realidade por parte do sujeito psicótico. Esse entendimento se torna necessário, porque a Gestalt-Terapia concebe uma explicação fora dos moldes de certas abordagens psicológicas, psicanalistas e/ou psiquiátricas que afirmam que o psicótico abandona ou tem uma perda da realidade ou dos estímulos externos, por exemplo.

Para o psicanalista Sigmund Freud, em “A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose”, volume XIX, “na psicose a perda de realidade estaria necessariamente presente, ao passo que na neurose, segundo pareceria, essa perda seria evitada” (FREUD, 1996 [1925], p. 205). Ou seja, em uma psicose o Ego, a serviço do Id, que é de qualidade inconsciente, se afasta de um fragmento da realidade ou da própria realidade. Em outras palavras, de acordo ainda com Freud, na psicose haveria duas etapas:

a primeira arrastaria o ego para longe, desta vez para longe da realidade [...] O segundo passo da psicose destina-se a reparar a perda da realidade, contudo, não às expensas de uma restrição do id, senão de outra maneira, pela criação de uma nova realidade que não levanta mais as mesmas objeções que a antiga, que foi abandonada (FREUD, 1996 [1925], p. 231).

Já para Silva, “a conceituação mais usual da psicose é a psiquiátrica: uma pessoa é diagnosticada como psicótica quando perdeu o contato com a realidade e apresenta distúrbios na percepção, como alucinações” (SILVA, 2013, p. 2). De acordo, ainda, com o Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais, as “alucinações são experiências semelhantes à percepção que ocorrem sem um estímulo externo” (DSM-5, 2014, p. 87).

Mas Jeliza-Rose cria um mundo próprio para lidar com tais demandas, só que ela não chega a se isolar da realidade, mantendo ainda contatos com as pessoas, por exemplo, mesmo que o discurso entre elas seja estranho, típico de um ajustamento psicótico. Ou seja, como dito, Jeliza-Rose não ignora os contatos com outras pessoas; na verdade, é a partir dessa relação com outras pessoas e com as coisas no mundo que ela significa ou ressignifica, de forma própria, tudo ao seu redor; é o seu jeito de tentar entender os fatos que lhe rodeiam; é a sua forma de ser-no-mundo, de acordo com o filósofo Heidegger (BARBOSA, 1998). Em suma, é o seu ajustamento de busca, como alucinações, ou é a tentativa da função Ato agir em relação a uma função Id desorganizada (veremos isso mais adiante, com detalhes) que está em questão. E ao considerarmos que, no filme, Jeliza-Rose não ignora de fato a realidade, pois se utiliza dela para ser-no-mundo ou operacionalizar seu Self de uma forma própria ou estranha, corrobora com a teoria da Gestalt-Terapia ao dizer que

os sujeitos servem-se da realidade – ou de aspectos dela – como se assim pudessem suprir a expectativa dos interlocutores em torno daquilo que está além da realidade. Noutras palavras, os sujeitos das formações alucinatórias, delirantes e identificatórias buscam na realidade o que haveria de substituir a virtualidade demandada na interlocução (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012, p. 158).

Assim, quando Jeliza-Rose se comporta estranhamente com as demandas reais do mundo, seja com a morte do seu pai e de sua mãe, seja com as cabeças de suas bonecas falantes, seja com o rapaz com deficiência mental, gerando fantasias extremas e alucinações, entra em conformidade com a teoria da Gestalt-Terapia, a qual assegura que é um erro assumir que a alucinação tenha relação com a ideia de falsa percepção da realidade. Ao contrário,

trata-se de uma maneira de dispor das percepções e de todas as representações sociais que compõem a realidade, como se elas pudessem ser consideradas de modo independente do contexto geral em que emergiram originalmente” (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012, p. 159).

O que se entende, então, é que a alucinação não se trata de outra realidade, mas da mesma realidade desencaixada do seu contexto.

Também fazendo um paralelo do filósofo existencialista Jean-Paul Sartre com a Gestalt-Terapia (e a Gestalt-Terapia tem semelhança com o existencialismo, assim, aqui, não há uma conexão sem fundamento¹), é certo que, para imaginar, fantasiar, delirar ou alucinar, é preciso que a consciência² se volte à realidade, mas ela tem a liberdade de negá-la. A consciência, para produzir o objeto enquanto imagem, deve poder negar a realidade desse objeto e só negará essa realidade tomando distância desta. “Colocar uma imagem é constituir um objeto à margem da totalidade do real, é manter o real a distância, liberta-se dele – numa palavra, negá-lo” (SARTRE, 1996, p. 239).

Mas Sartre, ao falar da negação do mundo, não afirma que o sujeito psicótico está se afastando da realidade, mas, sim, que

a liberdade da consciência não deve ser confundida com arbitrário. Pois uma imagem não é o mundo negado, pura e simplesmente, ela é sempre o mundo negado de um certo ponto de vista, exatamente aquele que permite colocar a ausência ou a inexistência de um determinado objeto que será presentificado (SARTRE, 1996, p. 240).

Ou seja, não se nega de fato o mundo ou o estímulo externo, mas é sempre o mundo negado de um certo ponto de vista. Sartre dá, como exemplo, o Centauro. O Centauro jamais poderia aparecer como irreal, se a posição do real fosse arbitrária. Para que o Centauro aparecesse como irreal, ou como uma imaginação, seria rigorosamente necessária que o mundo apreendido em questão fosse um mundo como mundo-onde-não-há-centauro, ou seja, a apreensão do mundo deve ser um lugar onde o Centauro não tenha existência de fato (SARTRE, 1996), pois o Centauro, sendo uma imaginação, é um ser inexistente. Em outras palavras,

a posição arbitrária do real como mundo não poderia de modo algum fazer aparecer neste momento o centauro como objeto irreal. Para que o centauro apareça como irreal, torna-se rigorosamente necessário que o mundo seja apreendido como mundo-onde-não-há-centauro, e isso só poderá ser produzido se as diferentes motivações conduzirem a

1

“A visão que a gestalt-terapia tem a respeito do homem é de forma muito semelhante ao existencialismo, ou seja, como um ser particular, concreto, com vontade e liberdade pessoais, consciente e responsável. Considera também que a consciência é viva, livre, intencional e orientada para as coisas” (RIBEIRO, 1998, p. 37).

2

Salientando que, em suma, no existencialismo sartreano, consciência não é sinônimo de conhecimento. É a dimensão de ser transfenomenal do sujeito. Então se faz necessário abandonar a primazia do conhecimento, para fundamentar a consciência sartreana. Isso não impede a consciência de conhecer. Se o conhecimento é também fenômeno da consciência, a consciência não pode reduzir-se ao conhecimento. Como diz Sartre, também nem toda consciência é conhecimento, “há consciências afetivas, por exemplo” (SARTRE, 2012, p. 22).

consciência a apreender o mundo como sendo precisamente de tal modo que o centauro não possa ter lugar nele (SARTRE, 1996, p. 240-241).

Como sabido, Sartre, ao discorrer, nos permite dizer que, assim, a condição essencial para que uma consciência imagine é que ela esteja “em situação no mundo” ou que ela “esteja-no-mundo”. É a “situação-no-mundo”, apreendida como realidade concreta e individual da consciência, que serve de motivação para a constituição de um objeto irreal. Resumidamente, a imagem (figura) só poderá aparecer sobre um fundo de mundo e em ligação com esse fundo (SARTRE, 1996). Portanto, a Função Id, ou esse Fundo, é que permite o sujeito estar no mundo.

Desse modo, Jeliza-Rose tem a psicose como um ajustamento, que implica a importância da Função Id, que tem como característica a formação do fundo de excitações, e que, no caso, não cumpre seu papel pela qual a Função Ego/Ato se “orientaria”, no sentido de que a Função Ego, que é ação motora e linguageira, estaria ausente de “motivos” para lidar com as demandas na fronteira de contato. Podemos entender que Jeliza-Rose, então, alucina em decorrência das tentativas de preenchimento e articulação daquilo que, espontaneamente na Função Id, não se organiza em alguns momentos de sua vida, como nos seus próprios desejos e excitações, assim, “na ausência deles, alucinamos, deliramos e identificamos, nos dados materiais presentes em nosso campo de relações, possíveis representantes daquilo que nossos excitações haveriam de ser” (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2008, p. 11). O que acontece é que Jeliza-Rose busca, na sua interação com o mundo e com outro, “identificar” na palavra, em um fato uma forma de preencher ou organizar o fundo que, para ela, não se define.

Nesse momento, podemos entender melhor por que Jeliza-Rose submerge num mundo imaginário próprio, porque é ela mesma que cria um mundo, como o de “Alice no País das Maravilhas”, do autor Lewis Carroll (que, inclusive, é um livro que ela lê constantemente e que pode ser uma referência para criar a sua história pessoal imaginativa/alucinatória), pois nos ajustamentos psicóticos, o Self inventa “junto aos dados na fronteira de contato – a história que ele não pode reter ou espontaneamente arranjar” (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2008, p. 11). Então, a obra literária “Alice no País das Maravilhas” se assemelha com as histórias inventadas pelo Self de Jeliza-Rose, que é leitora ávida de tal livro. Dessa forma, como vimos, quando essa invenção é bem-sucedida, é capaz de substituir os excitações na Função Id que ou não se apresentaram, ou se apresentaram de modo falho, ou, ainda, de modo desarticulado.

No caso de Jeliza-Rose, esse Fundo, essa Função Id, se apresenta de modo falho, mas os ajustamentos psicóticos de ausência de fundo não são características de Jeliza-Rose, já que este ajustamento corresponde ao autismo, e a garota não era autista; também os ajustamentos de articulação de fundo não contemplam o comportamento de Jeliza-Rose, porque ela não se comporta de forma a não saber o que fazer, como se tivesse vários fundos. A função de ego da personagem sabe com qual fundo operar, a partir de qual parâmetro considerar o dado, já que seu fundo é unificado, assim, nos restando considerar Jeliza-Rose com os ajustamentos psicóticos de preenchimento do fundo, já que lhe falta algo que ela tenta preencher, inventando história na demanda ambígua que vivencia.

É preciso entender também que a Função Id não está separada de nenhuma outra função, como, no caso, da Função Ego, pois é esta função, que é um Ato, o agente da invenção comentada aqui. Por isso, esse comportamento estranho de Jeliza-Rose se explica com a Função Ego que “não opera do mesmo modo como ela operaria se tivesse à sua disposição um fundo espontaneamente articulado” (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-

GRANZOTTO, 2008, p. 12). O fundo, do aspecto Self de Jeliza-Rose, se encontra desorganizado, não podendo orientar a função Ego. Ao ego resta então operar de um modo diferente ou estranho, por isso o filme em questão é realmente angustiante e nos causa estranheza a todo o momento, já que a narrativa fílmica é pela perspectiva da garota que, por sinal, não corresponde à Função Id e Ato de nós mesmos como telespectadores.

Jeliza-Rose, como comentado inicialmente neste texto, não dá conta da demanda do discurso dos seus pais, dentre outras, exigindo que a sua função ego tente preencher essas lacunas nas fronteiras de contato por meio das alucinações, ou seja,

nesses casos, a função de ego atua como se estivesse a preencher, por meio de alucinações de toda ordem (auditivas, visuais, cinestésicas e verbais, como as logolalias e as ecolalias), a inexistência dos excitamentos com os quais poderia responder ao apelo do semelhante na fronteira de contato (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2008, p. 14).

E Jeliza-Rose tem alucinações auditivas (ao achar que as cabeças das bonecas e até o esquilo conversam com ela) e visuais (quando ela vê a sombra monstruosa em seu quarto, o sangue em sua mão, a casa afundando e ela mergulhando no fundo do mar etc.), ou seja, a garota, então, tenta preencher a inexistência dos tais excitamentos. A ambiguidade no discurso da mãe, por exemplo, analisada no início do texto, faz com que, para Jeliza-Rose, “a palavra, o gesto, a ação demandada sejam incompreensíveis” (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2008, p. 14). Não só a sua mãe, como também a ação do seu pai perante a morte de sua mãe, por exemplo, agindo de uma forma diferenciada do que se espera ante um funeral; a senhora vizinha e cega de um olho, que tem também um comportamento estranho ante a morte do seu pai etc., leva e reforça o comportamento de Jeliza-Rose em que seu Self não dê conta dessas demandas incompreensíveis, pelo menos, para a idade em que ela se encontra.

É como se Jeliza-Rose tivesse um Self que tem a função do ego que não fizesse parte da comunidade linguística dos demandantes (o pai, a mãe, a senhora cega de um olho etc.), não participasse do mesmo mundo destes. O que acontece é que, diante de uma demanda ou de um símbolo, exige um fundo de símbolos afetivos que estejam retidos, mas, no caso da garota, os outros símbolos não estiverem retidos no seu fundo, assim, a sua função de ego precisa produzi-los ou, o que é a mesma coisa, a sua “função de ego necessita aluciná-los” (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2008, p. 15).

Enfim, Jeliza-Rose vive num mundo de falta de sentidos, ou melhor, onde seu Fundo precisa ser preenchido, que tem que ser compensado com fantasias e alucinações realizadas pela Função Ego, que, por sua vez, inventa histórias contra as perdas e a incapacidade de compreender as demandas.

Sobre o artigo

Recebido: 05/10/2016

Aceito: 12/11/2016

Referências bibliográficas

- BARBOSA, F. M. A noção de ser no mundo em Heidegger e sua aplicação na psicopatologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 18, n. 3, p. 2-13, 1998.
- DSM-5. Espectro da Esquizofrenia e Outros Transtornos Psicóticos. In: DSM-5. **O Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais**. American Psychiatric Association. [Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento... et al]. Porto Alegre: Artmed, 2014, p. 87-122.
- FREUD, S. A perda da realidade na neurose e na psicose (1925). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 19, p. 205-239.
- MÜLLER-GRANZOTTO, M. J.; MÜLLER-GRANZOTTO, R. L. Clínica dos ajustamentos psicóticos: uma proposta a partir da Gestalt-Terapia. **Revista IGT na Rede**, 2008. v. 5, n° 8, p.3-25.
- MÜLLER-GRANZOTTO, M. J.; MÜLLER-GRANZOTTO, R. L. **Clínicas Gestálticas: Sentido ético, político e antropológico da teoria do self**. São Paulo: Summus, 2012.
- MÜLLER-GRANZOTTO, M. J.; MÜLLER-GRANZOTTO, R. L. **Psicose e Sofrimento**. São Paulo: Summus, 2012b.
- RIBEIRO, W. **Existência essência**. São Paulo: Summus Editorial, 1998.
- SARTRE, J-P. **O Imaginário**. São Paulo: Ática, 1996.
- SARTRE, J-P. **O Ser e O Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica**. Petrópolis: Editora Vozes; 21ª Edição, 2012.
- SILVA, R, S, C, H. **Psicose e Crises Psíquicas Graves: uma investigação pelo método de Rorschach**. 2013, 134f. Dissertação (Mestre em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, Brasília: 2013.